

Por uma demografia das mudanças climáticas

Ricardo Ojima*

GIDDENS, A. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GUZMAN, J. M.; MARTINE, G.; McGRANAHAN, G.; SCHENSUL, D.; TACOLI, C. (Eds.). **Population dynamics and climate change**. New York/London: UNFPA/IIED, 2009.

HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., E. (Orgs.). **População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2009.

UNITED NATIONS POPULATION FUND – UNFPA. **The state of world population 2009**. Facing a changing world: woman, population and climate. New York: UNFPA, 2009.

Após a publicação do Quarto Relatório de Avaliação (AR4) do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), a temática ambiental ganhou força e passou a jogar um papel mais importante ainda dentro do discurso político, econômico e social. Um sinal dessa polarização temática em torno das questões ambientais pode ser notado a partir das inúmeras publicações que seguem a esteira deste debate nos anos seguintes.

Mas, a despeito das críticas de que essa preferência temática seja apenas um modismo derivado, em parte, da orientação de agências internacionais, podemos notar uma produção significativa que vem

se sistematizando e rompendo com alguns paradigmas, que, no meu entender, criaram uma barreira para o diálogo entre as áreas de pesquisa.

Provocativamente, essa resenha faz uma breve leitura de quatro publicações importantes, todas lançadas em 2009,¹ que discutem o que pode ser o embrião de uma demografia das mudanças climáticas. Talvez até uma demografia ambiental. E esse seria o mérito do livro *A política da mudança climática*, de Anthony Giddens, ao buscar nas entrelinhas da teoria política os elementos que permitiriam a inclusão da mudança climática no jogo político contemporâneo. Para o autor, um dos elementos centrais nessa virada de paradigma seria a dissociação entre ambiente e o movimento verde, conduzindo a argumentação do livro em torno dessa busca pela internalização dos problemas ambientais sob essa nova roupagem.

Giddens destaca que um dos elementos que mais dificulta o diálogo entre as diversas disciplinas e as questões ambientais é essa herança deixada pelo movimento verde, tanto nos aspectos políticos quanto em partes importantes das ciências humanas. Assim, lidar com o aquecimento global nada tem a ver com salvar a Terra ou com valores nostálgicos de proteção e reverência à natureza, sendo acima de tudo uma questão social. Trata-se de salvar o modelo de vida que temos ou adaptá-lo às novas condições do clima, e não de ser “verde” ou “ambientalista”. Mudança climática tem a ver com modos de vida e como adaptar-se proativamente, embora isso tenha origens e consequências ambientais: mas o que não tem?

Essa transição de paradigma pode ser encontrada nos demais livros, que abordam os temas demográficos tendo como pano de fundo as mudanças climáticas. No relatório anual do Fundo de População das Nações Unidas de 2009 (UNFPA, 2009), *The state of world population 2009*, o debate é sobre o balanço de força entre os diversos grupos

* Sociólogo e doutor em Demografia. Pesquisador do Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp.

¹ O livro de Giddens, lançado no Brasil em 2010, originalmente foi publicado em inglês em 2009.

populacionais e suas vulnerabilidades diante das mudanças climáticas, especialmente a questão de gênero, mencionada no relatório como a variável subestimada no debate ambiental. Afinal, se, por um lado, o crescimento populacional é considerado, pelos modelos climáticos de projeção do clima, fatores forçantes com impacto positivo para a elevação da temperatura global, por outro, a população é que sofrerá seus principais impactos.

Mas do ponto de vista tanto das causas como dos impactos das mudanças climáticas, os fatores demográficos não podem ser reduzidos a uma questão de estoque absoluto ou de taxa de crescimento. Os modelos de previsão do clima avaliados pelo IPCC incluem projeções de população que consideram variantes de queda da fecundidade mais ou menos conservadoras, mas não incluem análises em relação às mudanças de estrutura demográfica decorrentes dessas alterações no ritmo do crescimento.

Nos dois primeiros capítulos do livro *Population dynamics and climate change*, é feita essa argumentação inicial, abrindo espaço para a discussão, nos demais capítulos, de algumas questões mais específicas da dinâmica demográfica, como urbanização, migração, envelhecimento, saúde, juventude e gênero sob o prisma das mudanças climáticas, em termos tanto das causas de emissões de GEE como dos impactos e vulnerabilidades demográficas. Enfim, se as projeções demográficas dependem de um bom entendimento dos pressupostos dos componentes do crescimento demográfico, para entender as projeções do clima, é necessário compreender o papel da população dentro dos pressupostos de crescimento.

Sabe-se que a maior parte do crescimento futuro da população mundial ocorrerá em áreas urbanas de países em desenvolvimento. Assim, se considerarmos o papel de um adicional de 33 milhões de pessoas por ano até 2050, segundo as projeções médias das Nações Unidas, o peso sobre as emissões de gases de efeito estufa será muito reduzido, já que o padrão de consumo desses países ainda é pouco expressivo em relação àqueles desenvolvidos. Assim, trata-

-se mais de entender se a transição urbana virá acompanhada de mudanças no padrão de consumo dessa parcela da população.

O refinamento das projeções de mudança climática considerando a composição demográfica seria de extrema importância num futuro em que se prevê uma estabilização do crescimento populacional a partir de 2050 e, possivelmente, até uma taxa de crescimento negativo na segunda metade deste século. Embora para os demógrafos o dilema malthusiano entre crescimento populacional e pressão pelos recursos naturais seja uma questão ultrapassada, ainda há elementos suficientes para serem trabalhados no sentido de desmistificar tais relações simplificadas.

O papel da urbanização é um elemento importante, pois a forma de ocupação desses mais de 2 bilhões de pessoas adicionais na primeira metade do século 21 desempenha fator fundamental em um maior ou menor padrão de emissões. As áreas urbanas mais compactas ou com padrões de domicílios com mais ou menos moradores terão padrão diferente de emissões de GEE. Da mesma forma, desse padrão dependerão o volume e o nível de exposição a áreas de riscos relacionados ao ambiente (por exemplo, mais áreas e pessoas expostas ao aumento do nível do mar).

O envelhecimento populacional decorrente das mudanças nos níveis e padrões de fecundidade deverá colocar um peso maior nas pessoas expostas aos problemas de saúde relacionados ao clima e, considerando-se mudanças significativas nesse clima, mais pessoas estarão expostas a problemas de saúde. Estas alterações demográficas também trarão impactos nos sistemas de previdência e seguro social, contribuindo com maior ou menor capacidade das políticas públicas de oferecer sistemas de proteção social em casos de emergência de origem climática.

Como apontado por Giddens, essa busca deve ter como pressuposto uma adaptação pró-ativa, no sentido de antecipar os riscos que ainda não foram criados, procurando diagnosticar a vulnerabilidade e responder a ela. É nessa direção que o livro *População e mudança climática* inicia-se por

uma discussão teórica e metodológica, nos três primeiros capítulos, para depois avançar sobre aspectos da relação população e desenvolvimento e urbanização.

Sua principal linha de argumentação é em torno dos aspectos urbanos da discussão sobre mudanças climáticas, pois, num contexto em que as projeções apontam para uma população praticamente toda urbana até o final do século, é que serão visualizados os principais impactos sobre a população. Enfim, o livro marca o caminho no qual os pesquisadores brasileiros no campo de estudos de população têm se mobilizado.

Como vemos nas introduções desses dois livros, a relação entre população e mudança climática ainda merece mais atenção e estudos detalhados, pois ainda são poucos os trabalhos que comprovam as hipóteses dos impactos e consequências das estruturas demográficas no clima. Entretanto, os livros *Population dynamics and climate change* e *População e mudança climática* trazem evidências importantes de que os estudos demográficos têm muito a contribuir para o melhor entendimento dos fatores demográficos que afetam o clima, muito além do volume populacional.

Estes dois livros foram editados com apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), em parceria com dois dos principais centros de pesquisa em população e ambiente no mundo (International Ins-

titute for Environment and Devepment – IIED e Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp). Ambos evidenciam o potencial aglutinador de pesquisadores do campo de estudos de população para entender as mudanças no clima. Este potencial refere-se, principalmente, ao fato de que as pesquisas não tratam de salvar o planeta, mas sim entender os processos demográficos que interagem com os fatores climáticos.

Em verdade, como menciona Giddens, o deslocamento da discussão sobre mudança climática de uma esfera de valores ligados à natureza para a corrente dominante potencializa uma maior diversidade de temas a se aproximar das questões que antes estavam marcadas pelo rótulo **ambiental** ou do que era relacionado ao **verde**.

É, portanto, um convite aos pesquisadores dos mais variados campos da demografia – desde os estudos dos arranjos familiares, projeções e tendências demográficas, mortalidade, migrações, até envelhecimento, gênero e integração de dados geográficos – para se pensar em uma demografia das mudanças climáticas, um estudo demográfico que não esteja preocupado com a natureza, mas sim com os rumos e tendências que afetarão os modos de vida projetados nos cenários de clima. Duvido que após a leitura dessas obras o leitor não consiga encontrar pontos de conexão de sua pesquisa com as mudanças climáticas!

Recebido para publicação em 08/03/2011

Aceito para publicação em 20/03/2011